



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

LINGUAGEM E MEMÓRIA EM PALOMA VIDAL

Silvina Carrizo (UFJF)

Resumo:

Procura-se observar, analisar e avaliar como os sujeitos multiterritorializados por experiências de migração traumáticas (exílios) constroem nos seus textos ficcionais a relação com o mundo em outras línguas a partir do que denominamos de “cenas iniciáticas”. No caso em particular, serão destacados os diferentes procedimentos de articulação das relações entre o português e o espanhol em *Mais ao sul*, de Paloma Vidal. As cenas iniciáticas nas narrativas de Vidal compõem uma série de metáforas escriturais que contribuem tanto para a constituição dos núcleos narrativos, quanto, notadamente, para as interfaces entre usos da linguagem (e as línguas em questão) e a problemáticas das memórias. Para tanto, recupero as contribuições de Amati-Mehler (et ali) em *A babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica* (2005) no sentido da refuncionalização que a copresença e o papel desempenhado por várias línguas podem ter para a reorganização da identidade do sujeito-escritor e as relações com a memória. Já no livro de Heller-Roazen, *Ecolalias. Sobre o esquecimento das línguas* (2010), retomo toda a reflexão que ele desenha sobre o esquecimento como um eco que ressoa em cada língua, vista ela como um compêndio de sons, prosódias, cadências, palavras. Por fim, no caso de Mignolo, em *Histórias locais/ Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003), resgato a questão do linguajamento e plurilinguajamento como forma de articular e reaver a memória (afetiva, histórica e cognoscitiva) dos imigrantes e como forma liminar de apreender o mundo. Palavras-chave: Paloma Vidal. Cenas iniciáticas. Copresença de línguas. Memória. Plurilinguajamento.

Interessa nessa comunicação observar, analisar e avaliar como os sujeitos multiterritorializados por experiências de migração traumáticas (exílios) constroem nos seus textos ficcionais a relação com o mundo em outras línguas a partir do que denominamos de “cenas iniciáticas”. No caso em particular, nos centraremos em diferentes procedimentos de articulação das relações entre o português e o espanhol no livro *Mais ao sul* (2008) de Paloma Vidal. Entendemos que as cenas iniciáticas nas narrativas de Vidal compõem uma série de metáforas escriturais que contribuem não apenas para a constituição dos núcleos narrativos – tematização –, mas, notadamente, para as interfaces entre usos da linguagem (e as línguas em questão) e a problemáticas das memórias.

Mais ao sul é um livro de narrativas dividido em duas seções: “Viagens” – com três partes apenas numeradas: i, ii e iii -, e “Fantasmas”, que contém oito narrativas. Trabalharei aqui com “Viagens” e da segunda seção com “Tempo de partir”. O livro escrito em português foi posteriormente autotraduzido para o castelhano de Buenos Aires em 2011.

A primeira narrativa de “Viagens” tem uma narradora-neta adulta que mora fora da Argentina. As lembranças que buscam ser capturadas correspondem à adolescência dela nos anos de 1980, relatando uma temporada que passou junto ao seu avô, quando ele estava muito velho e em cama e ela era adolescente. O relato se abre com a seguinte frase: “*O homem que eu visitava semanalmente era barbudo, calvo e tinha um leve sotaque estrangeiro*” (VIDAL, 2008, p. 17 sic), e fecha assim: “Por pudor, não tentei conhecê-lo mais, e se ao escrever estas linhas vejo lacunas que ele poderia ter preenchido, percebo também o quanto naquele momento o silêncio nos uniu” (VIDAL, 2008, p. 26). As duas citações exemplificam, em parte, um *modus operandi* da escrita de Paloma Vidal nesse livro, os sotaques, as lacunas e os silêncios estão presentes para criar formas de aproximação da experiência e, portanto, da memória.

Na segunda página, então, e em conexão com a primeira das citações [“*O homem que eu visitava semanalmente era barbudo, calvo e tinha um leve sotaque estrangeiro*”], temos uma cena iniciática para o leitor. O texto escrito em português, de repente, se abre à irrupção do castelhano. O parágrafo começa assim e em itálico: “*Estoy cansado, m’hijita – cuéntame de tus viajes, ele dizia*” (VIDAL, 2008, p.18). Estamos perante a uma cena iniciática que protocola os modos de ler, permitindo a pressuposição de que o texto em português é, em verdade, numa segunda língua em relação à instância linguística afetiva da lembrança.

Destaco, em primeiro lugar, as contribuições de Amati-Mehler (et ali), em *A babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica* (2005), no sentido da refuncionalização que a copresença e o papel desempenhado por várias línguas podem ter para a reorganização da identidade do sujeito-escritor e para os vários mecanismos que se encontram em relação com a memória e, nesse caso em particular, do livro de Paloma Vidal, nas possibilidades de entender a tradução, a comutação, a reorganização escritural da vida psíquica e das relações com o mundo como um aumento de significado individual e cultural. O princípio da narrativa abrindo-nos à experiência da leitura para os sotaques e a posterior inserção, minimalista, de pequenas frases em castelhano dramatizam a coexistência e a co-habitabilidade entre

territórios e línguas potencializando e dinamizando, assim a vida significativa. As próprias pequenas frases, a citada e “Mercedita, *amor mío*” (VIDAL, 2008, p.18 sic), postas em relação com descrições da Buenos Aires antiga no decorrer do relato fazem dessas frases uma metáfora sonora de imagens da memória afetiva. São imagens, não descrição das lembranças, falam por elas próprias e falando dizem muito mais.

Conforme Amati-Mehler (2005, p.131), a diferença que existe entre um indivíduo que se torna bilíngue em consequência de uma imigração de outro que cresce e vive num só lugar no qual o bilinguismo é um fato geral e cotidiano deve ser ressignificada, levando em consideração que o patrimônio linguístico de um indivíduo não é um sistema sólido e estável, mas sim uma constelação mutável, na qual a hegemonia de uma língua sobre a outra, a hierarquia interna, o grau de padronização absoluto ou relativo, variam continuamente no tempo e no espaço e que, em um sentido relativo, essas questões podem vir a ampliar o horizonte de trabalho com a palavra e a memória. A cena iniciática mencionada mais acima se repete já como metáfora na sua diferença sonora e imagética no decurso das três partes que compõem “Viagens”.

Na segunda parte, a narradora-filha que mora no exterior se pergunta como foi a mudança e a chegada na forma de exílio de seus pais no Brasil, no bairro de Copacabana, quando ela era pequena. A narradora escreve:

Vejo meu pai e minha mãe arrumando objetos no espaço do apartamento novo que, na minha lembrança, é imenso, o nono andar de um prédio em frente à praça do Lido. Lembro ou imagino? A chegada a um aeroporto desconhecido e a pergunta desconcertante - que eu interpreto seja dos pais -, seguida de silêncio: *qué lengua hablan?* (VIDAL, 2008, p. 28. sic).

A própria escrita se instaura como reflexão da memória: “lembro ou imagino?”. Um pouco mais na frente, às metáforas sonoras e imagéticas se acrescenta o recurso à imaginação:

Imagino tudo isso. Invento imagens para lembranças inexistentes. Meus pais nunca me contaram detalhes e nunca perguntei, mas é muito provável que eles não se lembrem, que os atos cotidianos daqueles dias tenham entrado numa nebulosa da memória que obedece a um instinto de preservação (VIDAL, 2008, p. 29).

Para transformar o silêncio, a lacuna, em algum acontecimento sensível, uma marca – sonora, tátil, visível – a cena iniciática, suas repetições e a escrita que

mergulha na imaginação, é necessário flanar pela experiência linguística. No parágrafo seguinte, a narradora continua refletindo:

Deixo-me levar pelas imagens, não para reconstruir o que é irreconstruível, mas para tornar visíveis as marcas que essa viagem pode ter deixado em mim e neles. Para entender essa viagem como se entende uma língua estrangeira, nunca absolutamente, sempre com vazios de sentido, expressões que se perdem, fonemas que se confundem (2008, p.29).

Nesse sentido, a cena iniciática e suas repetições são, ao mesmo tempo, modos de ler e modos de lembrar, procedimentos artísticos para assediar a memória e seus fantasmas, para marcar a narrativa de sonoridade, visibilidade, formas tácteis.

Esse flanar na escrita da memória, nessa procura pela marca, esse “Deixo-me levar”, já aparecia anteriormente na Primeira parte de “Viagens”, aqui não para ir ao encontro das imagens, mas sim das suas geografias. Nesse caso, a narradora-neta flerta com espaços e tempos, ela escreve:

Deixo-me levar pelo desenho de cifras e ruas; trilho uma cronologia e uma geografia, seguindo os poucos acontecimentos e lugares que conheço, as fotos que restaram e que vou descobrindo nos livros. Na imagem espacial de um tempo que não vivi, inscrevo algumas marcas, flertando com a ilusão de saber de onde eu vim (VIDAL, 2008, p. 25).

As cronologias e geografias por sua vez são pautadas pelas incidências do verbo “leio”. A leitura, a cena da leitura, é outro dos modos de aproximação. A narradora-neta escreve:

Mais de 55 milhões de europeus foram registrados atravessando o Atlântico em direção a seus novos destinos americanos entre 1820 e 1924, leio. As cifras argentinas são as mais assombrosas: se em 1895 a porcentagem de imigrantes era de 25,5% da população total, em 1914, tinha passado a 30%. Não sou a única a me interessar por essa travessia. Os historiadores também se perguntam: por quê? (VIDAL, 2008, p. 19).

A repetição da cena da leitura também se instala na Segunda parte quando ela, a narradora-filha que mora no estrangeiro, diz que está lendo um romance para poder entender sua experiência, ela escreve:

O personagem do romance que estou lendo se senta à beira do rio Guaíba numa tarde de verão. Ou melhor, ele se lembra de uma tarde de verão à beira do rio Guaíba. Porque o personagem está num país estrangeiro e busca refúgio contra uma língua que não entende e o encontra nos rastros de um verão não muito distante em que, sentado à beira do Guaíba, decidiu partir (VIDAL, 2008, p. 31-32).

A leitura é assim outros dos modos operacionalizados para acessar uma explicação, para repor, para preencher a “oquedade” (o vazio, a lacuna, o silêncio) e seu entrelaçado dispara em forma de posta em abismo, o Guaíba, que leva à beira do Thames/ Tâmis na Terceira parte de “Viagens”.

Nessa Terceira parte, a narradora brasileira escreve, em condição de isolamento, como foi que ficou sozinha numa cidade estrangeira, Londres, logo após da morte em ataque terrorista do seu companheiro, argentino e reflete, também, sobre as partidas. A narradora escreve:

Leio que a imigração dos pássaros continua sendo um mistério. Algumas teorias sustentam que as impressões que eles carregam de seu local de nascimento resultam numa persistente urgência de voltar para lá em primavera. Uma das coisas enigmáticas e admiráveis sobre essas longas viagens é que alguns deles se separam dos pais e sem qualquer guia podem se orientar na direção certa, sobrevoando vastas extensões de água. São inúmeros os perigos enfrentados nessas jornadas e os que conseguem chegar a seu destino trazem as cicatrizes dessas adversidades (VIDAL, 2008, p. 29).

A partida abrupta do companheiro a leva às leituras, e a leitura a escrever, inscrita nas paradas nas quais ela escreve: Escrevo. O ato de escrever a leva às lembranças de outras tantas partidas e aos momentos em que o conheceu na Argentina, ele que fazia seus cursos de português. Ela relata que se sentiu mexida, uma falsa argentina, tematizando a ambiguidade, ela escreve sobre o primeiro encontro deles:

Vamos para o café do museu e ele continua falando sobre o curso de português e sobre o desejo de morar no Brasil, sem desconfiar que meus eventuais deslizamentos gramaticais e o acento um pouco deslocado – portenho, mas desatualizado – são o resultado de uma vida passada quase toda nesse país que ele quer conhecer (VIDAL, 2008, p. 46).

No decorrer dessa narrativa há várias repetições da cena iniciática, mas a partir da citação desse trecho, podemos observar como a cena é tematizada também. As cronologias, as geografias, a multiterritorialidade habitada pelo plurilinguismo

encenam, podemos dizer, a relação da narradora em torno dos eixos da leitura, das geografias (suas temporalidades) e da memória. No entanto, como já dito anteriormente, a modo de posta em abismo, isso nos leva de novo à copresença das línguas.

Se voltarmos para o início do Primeiro relato de “Viagens” – “*O homem que eu visitava* semanalmente era barbudo, calvo e tinha um leve sotaque estrangeiro”, vemos que há no decurso dele e, do livro como um todo, um trabalho fino de ressonâncias: a cena iniciática e sua repetição em metáforas sonoras e imagéticas. Se a lembrança se deu no castelhano portenho – que irrompe com o “*Estoy cansado, m’hijita...*” –, mesmo quando escrita em português, o sotaque do avô vislumbra o jogo poliédrico do castelhano como marca auditiva e tangível – dada pela materialidade de uma vida - do castelhano de Barcelona. Essa marca, o sotaque, entra num crescendo com o português da escrita da narradora, agora escritora e permite a entrada das ressonâncias na leitura imaginativa do leitor que ouve, no caso em português, mas já de forma inquietante.

Segundo Daniel Heller-Roazen (2010, p. 9), em *Ecolalias*. Sobre o esquecimento das línguas, uma língua e um falante só surgirão a partir de um lento processo de desaparecimento do balbucio. O crítico argumenta:

Entre os ruídos do bebê e as primeiras palavras da criança, não apenas há uma clara passagem, mas pelo contrário, existem evidências de uma interrupção decisiva, algo como um salto no qual as habilidades fonéticas ilimitadas do primeiro parecem vacilar (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 8).

É nesse sentido que a aquisição de uma língua só seria possível através de um ato de esquecimento, “uma amnésia linguística infantil (ou amnésia fônica [...] uma capacidade aparentemente infinita para uma articulação indiferenciada)” (2010, p. 8). De acordo com o autor, o que resta: “Seria apenas um eco de uma outra fala e de algo outro que a fala: uma ecolalia, que guardasse a memória do balbucio indistinto e imemorial, que, ao ser perdido, permitiria a todas as línguas existirem” (2010, p. 9).

Essa ecolalia pode ser pensada como condição metafórica de um processo constante de palimpsesto linguístico cultural e afetivo, isto é, cada vez que escrevemos o fazemos na presença de todo o esquecimento, do balbucio primeiro, da historicidade das línguas e suas transformações, das variações da linguagem. Heller-Roazen amplia esse desenho sobre o esquecimento (parte importantíssima da lembrança) para a reflexão sobre o eco que ressoa em cada língua, vista ela como um compêndio de sons, prosódias, cadências, palavras, frases, expressões em permanente transitoriedade. As

formas de transformação e transitoriedade que são estudadas a partir do sistema língua pelas disciplinas históricas podem ser entendidas no livro de Paloma Vidal, ao compreendermos junto com Heller-Roazen que: “uma nova língua que passa a fazer parte de nossa mente age na rede associativa preexistente” (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 150). Sendo assim, “por reflexo, também, a primeira língua é modificada no vasto “sistema” de relações e conexões em que passa a existir” (2010, p.150).

A escritora exilada de criança e a narradora co(n)-fundem-se no que Heller-Roazen destaca:

[...] sempre é possível perceber em uma língua o eco de outra. Dependendo do idioma e da sensibilidade do ouvido que o escuta, a natureza e a significância da ressonância variam consideravelmente [um som, uma prosódia, as cadências, palavras, etc.] (HELLER-ROAZEN, 2010, p.85).

Por fim, trago aqui, de forma sucinta, algumas questões levantadas por Walter Mignolo, em *Histórias locais/ Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar (2003), com vistas a vincular a montagem teórica em relação aos outros dois livros mencionados. Mignolo entende que o linguajamento e plurilinguajamento são formas de articular e reaver a memória (afetiva, histórica e cognoscitiva) dos imigrantes e, desse modo, são formas liminares de apreender o mundo. Em *Mais ao sul* (2008), a cena iniciática se amplia tecendo outras relações com as lembranças e seus fantasmas, abrindo-se para as ecolalias, os ecos e as ressonâncias de outras formas de habitar as línguas. Em “Viagens” Parte dois, a narradora-filha comenta que ela tinha uma professora quando criança no Brasil que lhe ensinava português, ela aprende palavras e as introduz no mundo familiar de falantes do castelhano em situação de exílio. Uma das palavras não tem a cadência portuguesa, porém sim, a francesa: “beliche”. Ela escreve: “Estranha palavra com sotaque francês, diz minha mãe quando lhe conto a novidade” (VIDAL, 2008, p.29). No parágrafo seguinte, o texto deixa nos saber que a professora é argentina. A enunciação costura a montagem temporal, tem passado trinta anos disso e a narradora entra em contato telefônico novamente com sua antiga introdutora ao português. Ela escreve:

[...] quase trinta anos depois, retomo o contato com essa mulher. Ao telefone, ela diz que minha voz não mudou. Também tenho a impressão de que reconheço a voz dela [...] Falamos em espanhol. Sua língua tem uma tonalidade muito argentina, como se ela tivesse

acabado de chegar ao Brasil. Fico surpresa quando me conta que só retornou a Buenos Aires uma vez desde que se exilou (VIDAL, 2008, p.29-30).

A cadência francesa de beliche, a tonalidade marcadamente argentina do castelhano da professora estabelecem uma gradação sonora e imagética que retroalimenta o palimpsesto auditivo, visível e táctil das formas de coabitar as línguas e suas memórias. As ecolalias persistem nas formas limiares de aprender e apreender o mundo e suas memórias.

A oitava narrativa da Segunda seção “Fantasmas”, intitula-se “Tempo de partir”. O relato de seis páginas, em terceira pessoa narra o momento em que uma avó vai tomar uma decisão, a de partir. Como nas narrativas citadas do livro, a cena iniciática e sua repetição são formuladas a partir do discurso indireto livre, no caso, é a avó e seus pensamentos. “Tempo de partir” começa assim:

*Sentada numa cadeira de plástico na área de serviço, com uma bata longa, florida, sem mangas, chinelos nos pés, ela observa a máquina de lavar que gira e faz rodar as roupas numa mistura de cores que a hipnotiza. Sua mente passeia por tempos remotos. Vem-lhe um pensamento: *ellos ni se falam, pero sus ropas se entrelazan en la máquina de lavar*. Lembra-se dos netos quando eram pequenos, seus três netos, filhos do seu único filho. Para estar com eles decidiu deixar sua casa, em Montevideú, e vir para o Brasil; para vê-los crescer, acompanhar suas transformações, conhecer seus desejos, para ensiná-los a falar o espanhol. *Pero ninguno aprendió*, diz, dirigindo-se à máquina. *Ninguno de los tres quis aprender esta lengua, que agora ya no me pertenece*” (VIDAL, 2008, p.115).*

A língua misturada da avó é a língua que a nora não suporta, é a marca sonora de vários níveis de conflito dramático dentro do texto. É para o caso, um modo exemplar de um fracasso, é metáfora sonora que descreve a cena perante a máquina de lavar, cena na que ouvimos a máquina e o rumor de uma tentativa.

Referências

AMATI-MEHLER, Jacqueline et. Ali. *A babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica*. Trad. Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005 [1990].

HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias*. Sobre o esquecimento das línguas. Trad. Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010 [2005].

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003. [2000]

VIDAL, Paloma. *Mais ao sul*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. (*Más al sur*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011.)